

# Fonoaudiologia e Linguística: Modos de Interpretação da Linguagem

REGINA MARIA FREIRE

*PUC-SP (Brasil)*

Começarei por dizer que o sub-título de meu trabalho – **Modos de Interpretação da Linguagem** – ainda que dentro do enunciado **Fonoaudiologia e Linguística**, não garante o aprisionamento da multiplicidade de sentidos que daí podem advir. Creio ser necessário portanto, proceder a explicitação de alguns pontos de ancoragem que estreitem a dispersão constituindo um lugar – ainda que provisório – para se pensar a questão da interpretação. Pode-se definir a interpretação como atividade própria de qualquer sujeito que, diante do simbólico, é injungido a atribuir um sentido. Sua característica principal está de no fato de existir sempre, independentemente da vontade do sujeito. De um ponto de vista amplo pode ser entendida como transparente, evidente ou única. Entretanto minha opção aqui será por restringí-la ao gesto do analista de linguagem para, desse lugar, circunscrever seu sentido. Começarei a restrição ao dizer que linguagem e interpretação serão entendidas a partir da noção de opacidade, o que, em última instância, significa dizer que não há relação termo a termo entre linguagem, pensamento e mundo. Ou ainda, que o desencontro entre a ordem da natureza e a ordem do simbólico impede que uma possa ser alçada como lugar de explicitação da outra. Dada a especificidade da linguagem, seu sujeito toma a forma-sujeito, nela alienado, por ela assujeitado e através dela dividido.

Nesse panorama onde linguagem e sujeito se espelham e se constituem mutuamente, afloram diferentes campos de conhecimento que tomam como princípio as noções de funcionamento e de ordem própria. Falaremos de alguns desses campos, notadamente aqueles em que formas específicas de interpretação – que não podem ser confundidas com descrição ou a ela reduzidas – operam sobre o discursivo.

Um desses campos – o da Psicanálise – é reconhecidamente o primeiro a tomar a interpretação como técnica terapêutica. Esta deverá incidir sobre um elemento singular do material do analisando – o lapso, por exemplo – possibilitando ao analista a decifração das leis que regem os processos primários e secundários. Para que isto se concretize, a regra fundamental da psicanálise consiste em o analisando comunicar ao analista todos os seus pensamentos, de dizer tudo sem seleção, entregando-se plenamente à associação livre. Fala-se aí do retorno de um reprimido, constituído de impulsos sexuais e agressivos, cuja lembrança ou conscientização levaria à cura. Eis a técnica analítica ou seja o método de associação livre. Se esta é uma regra fundamental para o analisando, identifica-se o mesmo para o analista. Consiste em que este, ao escutar o que o analisando lhe diz, se abandone também simultaneamente à associação livre. Esta disposição interna do analista foi chamada por Freud de «atenção flutuante» sendo decorrência de sua passagem pelo lugar de analisando, durante seu processo de análise como formação didática. A especificidade do material a ser interpretado, a singularidade da situação terapêutica, a contingência da formação do analista dão ao termo *interpretação* enquanto técnica analítica, um sentido particular irredutível a outros contextos.

Um outro locus em que a interpretação assume um papel fundante é o da posição interacio-

nista em Aquisição de Linguagem (De Lemos 1994,1995). Ao comprometer-se com uma certa concepção de sujeito e de linguagem, esta abordagem desloca a noção de interação como relação entre sujeitos ou entre sujeito e linguagem enquanto objeto de conhecimento, re-interpretando-a como alienação, como filiação, como assujeitamento. Subverte portanto, as noções psicológicas de sujeito uno, centrado, cômico de si, capaz de se colocar diante do outro e da linguagem. Traz à cena o lugar do outro como efeito do funcionamento linguístico-discursivo que lhe permite interpretar a criança. Essa interpretação coloca os significantes da criança em circulação possibilitando mudanças em sua relação com a língua/gem. É deste lugar, do lugar do outro, que a linguagem é re-inventada, re-significada, re-fletida para a criança. Ou ainda que os lugares do adulto e da criança como quem ensina e quem aprende são relativizados. Em consonância com esta concepção de linguagem enquanto significantes postos em relação pelo discurso e de sujeito como lugar de funcionamento da linguagem, a interpretação será vista como o que dá aos sentidos uma direção. Ou como seu aprisionamento provisório antes da dispersão necessária e constitutiva do sujeito da/na linguagem. Aqui, embora a interpretação seja ressignificada como o gesto da mãe que desloca o infans para a condição de falante, os princípios que a estruturam são os que fundamentam a teoria do discurso.

Isto nos leva a um terceiro campo de conhecimento, representado pela vertente francesa da Análise de Discurso (Orlandi,1996) – instrumento de análise que serve à prática do analista da linguagem. Fundada na questão da categorização dos sentidos do silêncio cuja incompletude lhe condena a conviver com a falta, a linguagem é entendida enquanto estrutura e acontecimento, pensando um linguístico que não é da lingüística embora pressuponha sua existência. Nesta visão o sentido nem é literal e nem é qualquer um: há a determinação histórica ou seja a relação da materialidade do discurso com a exterioridade. E ainda, não há sentido sem interpretação, o que nega o princípio da relação não mediada do sujeito com o mundo. Portanto o sujeito aqui será visto como uma posição discursiva e não uma forma de subjetividade. A análise de discurso vai se distinguir de outras formas de interpretação pela natureza não-psicológica do sujeito interpretante e pelo fato de que a interpretação deverá ser precedida pela descrição. Se a interpretação é um gesto necessário, é preciso pensar os lugares em que ela se dá, sua forma, natureza e funcionamento. Começaremos por dizer que a interpretação irá incidir sobre o equívoco, sobre a falha, sobre o deslize, sobre o efeito metafórico. Sim, é sobre a noção de efeito metafórico que se funda o dispositivo de análise, noção possível a partir da redefinição da linguagem enquanto funcionamento discursivo. Assim o trabalho do analista do discurso é mostrar como um objeto simbólico produz sentidos ou melhor como os processos de significação trabalham um texto.

Caberia neste momento a introdução de uma questão fundamental: o que esses modos de interpretação teriam a ver com a Fonoaudiologia? como poderiam afetá-la?

Para responder a essa questão é preciso passar por uma outra história, a da própria Fonoaudiologia no Brasil e sua constituição enquanto disciplina científica. Sem querer polemizar sua origem vou situar sua emergência como instância paramédica de fazer pedagógico. Em seu percurso de constituição irei identificá-la inicialmente a um conjunto de técnicas que não resistem às primeiras reflexões dado seu estatuto de prática desvinculada de qualquer discurso teórico. Deslocada para um campo de conhecimentos e descaracterizada pela interdisciplinariedade que lhe é atribuída, aí permanece até recentemente, quando os impasses teóricos a obrigam a uma redefinição de sua relação com as outras disciplinas. Um novo diálogo se instaura e agora é o fonoaudiólogo que convoca as outras disciplinas a dizer o que tem a oferecer ao seu olhar. Efeitos desse diálogo podem ser observados na incorporação que o fonoaudiólogo faz desses conhecimentos ao seu discurso teórico e na re-interpretação operada a partir

do deslocamento desses conhecimentos para um outro campo do saber. Há um nítido deslizamento do movimento de empréstimo para o de interpelação, movimento esse que coloca a Fonoaudiologia como uma disciplina de entremeio no dizer de Orlandi, «uma disciplina que se faz no espaço indistinto das relações (contraditórias) entre disciplinas» (op.cit. pag.23).

Realocando-se entre as ciências da Linguagem, a Fonoaudiologia se reconhece como um campo de questões particular tendo como objeto próprio de atenção a linguagem – em seu funcionamento e em sua materialidade – privilegiando a sua instância patológica. Essa definição instaura novos movimentos e outros campos de conhecimento são convocados para um diálogo necessário cujo fruto é a constituição do discurso da Fonoaudiologia.

Cabe nesse momento um retorno ao já dito e ao já posto na minha fala sobre modos de interpretação e sua relação possível com a Fonoaudiologia. Retomarei o fluxo inicial com a afirmação de que os campos disciplinares delineados anteriormente vem se oferecerà Fonoaudiologia como espaços ótimos de discussão e constituição de seu discurso. O diálogo com a Psicanálise pode iluminar questões relativamente à prática clínica. A interpelação da posição interacionista pode clarificar os processos metafóricos e metonímicos enquanto mecanismos de mudança que se apresentam como lugares para se entender principalmente as perturbações de linguagem. Já a interlocução com a análise de discurso, além de inscrever a Fonoaudiologia em sua perspectiva, se apresenta como um instrumento de análise de textos de qualquer natureza, de qualquer materialidade, para qualquer posição discursiva, dentro de diferentes formações discursivas .

A tarefa do fonoaudiólogo será então doar sentido aos significantes do seu pacientes para que este possa mudar de posição discursiva ou ainda ser deslocado de sua posição em relação à língua. Isto será feito através da interpretação e a perspectiva discursiva adotada para que essa interpretação se dê, se define pelo fato de que a noção de discurso supõe a superação da dicotomia língua/fala. Portanto a interpretação deve ser o instrumento terapêutico por excelência: interpreta-se não só a linguagem mas também o silêncio ou o silenciamento. O silêncio não fala mas significa. O silêncio significa de modo contínuo, absoluto, enquanto que a linguagem verbal significa por unidades discretas, formais. Pensar o silêncio nos limites da dialogia é pensar a relação com o Outro como sendo uma relação contraditória. Há uma relação importante entre o silêncio, a incompletude e a interpretação: germina aí a semente de uma técnica terapêutica que irá consistir em saber o que, quando e como interpretar. Ao interpretar é preciso discutir também o quanto. A quantidade deve ser aquela que não deixa que só o paciente fale e nada aconteça e nem que tudo deva ser interpretado gerando o silenciamento do outro. A quantidade está relacionada ao quando e isto deve ser quando há uma relação estruturada entre fonoaudiólogo e paciente. Ou seja, se numa sessão a relação está perturbada por alguma ordem, é melhor não interpretar. Em última instância a interpretação deve ser feita quando se sabe o que o paciente não sabe, precisa saber e é capaz de saber.

Estes são alguns princípios que, ao serem operados pelo discurso fonoaudiológico terão um sentido outro do que aquele que tomam em seu lugar de origem. A terapêutica ainda deve incluir o aspecto dinâmico da interpretação ou seja ao fato de que a mesma se refere às forças contraditórias do funcionamento discursivo, a saber a polissemia e a parafrase; o aspecto econômico, no sentido do quê em dado momento é importante interpretar e ainda o aspecto estrutural enquanto a interpretação se refere às diversas instâncias da estrutura da língua/gem. As regras básicas são de que a interpretação deve assentar-se sobre o que na fala do paciente pode ser reconhecido como uma perturbação, um ruído, um estranhamento que pede interpretação do outro. Por outro lado há que se ter escuta pois a técnica de análise, por partir da noção de língua enquanto estrutura e acontecimento, diz onde deve incidir a interpretação e

estes lugares devem ser reconhecidos pelo terapeuta: a falha, o lapso, o equívoco, a contradição, o não-dito, o efeito metafórico. Na Fonoaudiologia deve emergir ou germinar uma nova forma de se escutar o paciente pois no campo terapêutico dominam os efeitos de linguagem aos quais um terapeuta deve permanecer atento. O analista de linguagem pontua, dá e constitui sentido sem fazer disto um absoluto, mas fazendo de sua interpretação a condição de produção do sem – sentido significante. A interpretação pode funcionar como revelação para o sujeito ainda que negada. De toda a maneira é a interpretação ou sua ausência que constrói e orienta o que surge na sessão. O analista não é o único que opera, o paciente tem que co-operar. Porisso que é útil que se saiba qual é o método e qual a finalidade desta operação. Muito resta a ser dito e ainda mais deve ser construído para a literalização de um discurso teórico da Fonoaudiologia. Mas o primeiro passo com certeza, já foi dado.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- De Lemos, C. G. 1992. Los Procesos Metafóricos y Metonímicos como Mecanismos de Cambio. *Substratum*, vol.1, nº 1, 121-135.
- De Lemos, C. G. 1995. Língua e Discurso na Teorização sobre Aquisição de Linguagem. *Letras Hoje*, nº102.
- Orlandi, E. 1996. *Interpretação: Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico*. Ed. Vozes.